



PREFÁCIO - ANAIS DO III COLÓQUIO INTERNACIONAL FEMINISMO E AGROECOLOGIA

No seu décimo quarto ano de atividades, estamos apresentando mais um número da revista Cadernos de Agroecologia, desta vez, os Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia, realizado em Recife, PE, Brasil, no período de 8 a 11 de abril de 2019, com o tema Trabalho, Cuidados e Bens Comuns.

Este número trás 82 resumos expandidos selecionados pela Comissão Científica e apresentados durante o evento, além de textos complementares. Os trabalhos estão organizados em cinco seções com os resumos e algumas sínteses preparadas pelas coordenadoras dos grupos de trabalho acontecidos durante o evento. São eles: Economia Feminista e Agroecologia (7 resumos e 1 síntese), Feminismo, Agroecologia e o Comum na Construção de Sistemas Alimentares Urbanos (7 resumos e 1 síntese), Feminismos, Ancestralidade e Agroecologia (11 resumos e 1 síntese), Mulheres e a Epistemologia do Conhecimento Agroecológico (13 resumos), Feminismos, Agroecologia e Economia Solidária (10 resumos e 1 síntese), Espaços de Comercialização de Produtos Agroecológico (2 resumos e 1 síntese), Feminismo e Agroecologia: quais sujeitos políticos? (18 resumos e 1 síntese), Feminismo, Agroecologia e Soberania Alimentar (9 resumos e 1 síntese) e Feminismos, Comunicação e Cultura (4 resumos).

O número traz também a apresentação do evento, seus antecedentes, um detalhamento da programação e da comissão organizadora e um Manifesto, em quatro línguas, de criação da Rede Internacional Feminismo e Agroecologia. Desta forma, espera-se que os anais contribuam para o registro da trajetória deste importante processo de mobilização e nascimento da rede internacional.

Ao analisar os textos aqui apresentados, percebe-se duas questões que gostaríamos de valorizar nos processos de construção do conhecimento agroecológico. Um deles é o protagonismo majoritário de mulheres, sejam pesquisadoras, educadoras, técnicas, agricultoras, estudantes e lideranças, num evento de tamanha importância, onde se debateu economia, bens comuns, ancestralidade, epistemologias, o papel das mulheres no sistema agroalimentar e na promoção da segurança e soberania alimentar e organização social. Isso é muito contrastante com a invisibilidade que sempre nos afronta nos espaços de construção do conhecimento dentro da universidade, nos congressos e nos demais espaços científicos.

Outra questão importante a ser valorizada é que, para nós, o diálogo entre os diferentes saberes científicos, técnicos e os saberes locais e/ou populares, é central no processo de construção do conhecimento agroecológico, e isso deve ser buscado e exercitado em cada pesquisa, no ensino e na extensão, nos eventos e textos, como um dos principais desafios da Agroecologia, enquanto ciência. Este evento deu um passo nesta construção já que, desde sua concepção, partindo da academia, houve um diálogo permanente com as organizações de mulheres a nível local, nacional, europeu e latino-americano, o movimento feminista, as organizações feministas de assessoria, o movimento de mulheres agricultoras e as próprias agricultoras que estiveram presentes. Na apresentação dos trabalhos, fossem artigos ou relatos de experiências, valorizou-se este princípio, já que os textos foram organizados através do diálogo entre mulheres de diferentes lugares de fala, olhares e perspectivas. As mesas de debates também foram organizadas com esse mesmo espírito e foram complementadas com os diálogos vindos da mostra de cinema, da feira de saberes e sabores e das exposições. Isso representa um avanço importante e uma ruptura nas estruturas conservadoras da academia, em especial, da universidade que, na maioria das vezes, tem dificuldades em entender e praticar outras formas de construir conhecimentos.



Esse evento fez parte de uma agenda de debates e construções que mobilizou parcerias com um conjunto de organizações do movimento feminista e agroecológico, entre eles a própria Associação Brasileira de Agroecologia – ABA-Agroecologia. Por isso, ao escrever este prefácio outra questão vem a mente: como se deu a chegada do debate político e público do tema feminismo na ABA. Lembramos do 5º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), realizado no Espírito Santo, em 2007, em que, a realidade dura do machismo nos afrontou de forma constrangedora. Em uma Conferência onde debatíamos um tema de grande importância - Aquecimento Global e Sustentabilidade na Agricultura -, de forma surpreendente, um dos palestrantes finalizou sua fala atacando as mulheres e a todos os demais palestrantes e participantes, com uma mensagem misógina e violenta. Naquele instante, ficou claro para a Associação que era momento de começar a promover o debate público sobre gênero e, ainda mais, a partir da perspectiva crítica do Feminismo e suas relações com a Agroecologia.

Assim, no congresso seguinte, o 6º CBA, realizado em 2009 em Curitiba/PR junto com o Congresso Latinoamericano de Agroecologia, foi organizado o painel Gênero e Agroecologia e a Oficina Por uma Agenda que Valorize o Papel das Mulheres na Agroecologia, onde foi possível promover o debate das militantes da ABA com representantes do movimento agroecológico brasileiro e latinoamericano. Naquele mesmo ano, a ABA-Agroecologia publica um artigo na revista Agriculturas - Mulheres no Congresso Brasileiro de Agroecologia (Ver AGUIAR, SILIPRANDI & PACHECO, 2009) onde faz uma denúncia e traça a estratégias das mulheres da Associação para a construção de um espaço de reflexão dentro e fora de suas instâncias e para leitura do papel das mulheres agricultoras na construção da Agroecologia. Naquele texto foi feita uma reflexão sobre como o debate acadêmico ainda ignorava o papel e a contribuição das mulheres na produção de conhecimentos. O texto finaliza com uma pergunta que ainda permanece como um desafio: *“Não estaríamos reproduzindo na Agroecologia uma cultura científica que exclui as mulheres, invisibiliza sua contribuição para a produção do conhecimento e reforça desigualdades de poder?”*. A partir de então, uma agenda foi construída para debater e atuar sobre essa questão. Desde 2009, as mulheres da ABA não pararam mais, propondo, reivindicando e denunciando, em permanente diálogo com as organizações do movimento agroecológico. É bonito de ver a força da mobilização e a profundidade do debate promovido por todas nós em todos esses espaços.

Toda essa mobilização levou as mulheres militantes da Associação a propor a criação do GT Gênero na sua assembleia no 7º Congresso, em Fortaleza/CE, em 2011, mantendo uma agenda de atividades. Seguindo essa trajetória, no 8º CBA, realizado em Porto Alegre/RS, 2013, as mulheres lançam o lema mobilizador que resultou em uma orientação política muito importante para todas nós e para todo o movimento agroecológico: Sem Feminismo não há Agroecologia! (Ver MOREIRA, FERREIRA & SILIPRANDI, 2018). Esse acontecimento demarcou um amplo debate nacional onde ficava claro resistências com relação a contribuição da perspectiva feminista na construção da Agroecologia, aflorando visões contraditórias dentro da própria Associação. Esse fato demonstra o papel mobilizador da Agroecologia como ciência orientada pela perspectiva crítica, o diálogo de saberes como princípio e um referencial interpretativo que considera as desigualdades que ainda assolam as mulheres no campo da Agroecologia.

Também foi marcante o 10º CBA, em Brasília/DF, em 2017, onde as mulheres do GT Gênero da ABA junto com as demais mulheres presentes do movimento feminista, promoveram um ato denunciando os processos de invisibilidade ao qual são impostos às mulheres que historicamente construíram e constroem a Agroecologia. A pergunta que se fazia era: *“Como falar da história da Agroecologia sem falar das mulheres?”*. Passados 8 anos do CBA de 2009 a pergunta permanece. Por isso, neste mesmo congresso começou um processo de construção e reconstrução da história através dos Rios de Memórias das Mulheres na Agroecologia que culminou no IV Encontro Nacional de Agroecologia (Belo Horizonte/MG, 2018),



quando foi resgatada “a memória das resistências das mulheres no enfrentamento ao agronegócio, às multinacionais, às mineradoras que querem expropriar seus territórios, culturas, histórias e corpos”, “denunciando todas as formas de violência, opressão e discriminação que se expressam em nossos movimentos através da invisibilização das nossas pautas, do nosso isolamento das decisões políticas e da negação da nossa capacidade de reflexão e ação” (ANA, 2018a; 2018b). De lá para cá, as mulheres da ABA-Agroecologia sempre junto com todas as mulheres do movimento agroecológico, têm realizado um conjunto de ações que promovem o debate, revelam contradições e fazem proposições para uma Agroecologia mais conectada com a diversidade.

Recuperar rapidamente esta história é necessário para delimitar um momento importante para os Cadernos de Agroecologia. Com o lançamento dos anais do 3º Colóquio Internacional, inauguramos nesta revista um espaço temático para o debate sobre Feminismo e Agroecologia. Além disso, o lançamento destes anais coincide com tempos de um longo isolamento social em função da pandemia da Covid-19, em que as mulheres vêm sendo diretamente afetadas e quando as estruturas democráticas brasileiras estão correndo sérios riscos. A leitura dos seus textos e a perspectiva de futuro aqui apresentada, vinda do manifesto de construção da Rede Internacional, podem ser fontes de inspiração para renovarmos nossas forças neste momento!

Sem Feminismo não há Agroecologia!
Boa leitura!

Maria Virginia de Almeida Aguiar
Editora dos Cadernos de Agroecologia
ABA-Agroecologia

Referências citadas

AGUIAR, Maria Virgínia de Almeida, SILIPRANDI, Emma, PACHECO, Maria Emília. Mulheres no Congresso Brasileiro de Agroecologia. Revista Agriculturas. v. 6 - n. 4, dezembro de 2009. p. 46-48. Disponível em http://aspta.org.br/files/2011/05/Agriculturas_v6n4.pdf em maio de 2020.

ANA. Rios da memória das mulheres da agroecologia. Síntese da Plenária das Mulheres – IV ENA. Belo Horizonte: 2018a Disponível em <http://enagroecologia.org.br/rios-da-memoria-das-mulheres-da-agroecologia/> em junho de 2020.

ANA. Plenária de mulheres no IV ENA: movimento, memória e força da agroecologia – IV ENA. Belo Horizonte: 2018b Disponível em <http://enagroecologia.org.br/plenaria-de-mulheres-no-iv-ena-movimento-memoria-e-forca-da-agroecologia/> em junho de 2020.

MOREIRA, Sarah de S.; FERREIRA, Ana Paula; SILIPRANDI, E. Memórias das mulheres na agroecologia do Brasil. In ZULUAGA SÁNCHEZ, Gloria P.; CATAFORA-VARGAS, G.; SILIPRANDI, Emma.(coord). Agroecologia en Feminino. Reflexiones a partir de nuestras experiencias. SOCLA/CLACSO: Bolivia, 2018. p. 61-74